

Autoestima, narcisismo e dimensões de delinquência juvenil: Que relação?

Teresa Braga* / Pedro Pechorro* / Saul Neves Jesus** / Rui Abrunhosa Gonçalves*

* Centro de Investigação em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Braga, Portugal; ** Centro de Investigação sobre o Espaço e as Organizações, Universidade do Algarve, Algarve, Portugal

O presente estudo teve como objetivo analisar a capacidade preditiva dos constructos de autoestima e de narcisismo em duas dimensões da delinquência juvenil: a gravidade de crimes cometidos e a idade de início na atividade criminal. Para tal, recorreu-se a uma amostra de 261 jovens recolhidos em centros tutelares educativos e elaborou-se um modelo de regressão ordinal para a gravidade de crimes e um modelo de regressão linear para a idade de início na atividade criminal. Os resultados evidenciaram que o narcisismo prediz a gravidade dos crimes e, de forma marginalmente significativa, o início da atividade criminal, o que revela a sua preponderância enquanto fator de risco para as duas dimensões de delinquência e sustenta a sua inclusão em programas de intervenção na delinquência. Por outro lado, demonstraram que a autoestima não prediz nem a gravidade dos crimes nem o início da atividade criminal. Estudos futuros devem continuar a explorar o papel da autoestima na predição da delinquência, no sentido de melhor clarificar esta relação.

Palavras-chave: Autoestima, Narcisismo, Delinquência juvenil.

Introdução

A relação entre a autoestima e os comportamentos antissociais tem sido, durante vários anos, foco de atenção de diferentes áreas de estudo como a psicologia, a sociologia e a criminologia (Caldwell, Beutler, Ross, & Silver, 2006; Mason, 2001). Contudo, a natureza desta relação continua a ser alvo de debate e tem vindo a acumular evidências contraditórias (ver Ostrowsky, 2010, para uma revisão). Assim, alguns investigadores têm argumentado que a baixa autoestima se encontra associada com os comportamentos antissociais (e.g., Donnellan, Trzesniewski, Robins, Moffitt, & Caspi, 2005), outros têm concluído pela ausência desta relação (e.g., Bushman & Baumeister, 1998) e outros estudos, por seu turno, têm-se centrado na relação entre a elevada autoestima e a prática de atos antissociais (e.g., Bushman et al., 2009). Importa assinalar que estes estudos têm-se focado quer nos comportamentos antissociais em geral, caracterizados pela violação de normas ou expectativas sociais, podendo ou não incluir atos criminais, quer na delinquência em particular, definida por critérios jurídico-penais (Negreiros, 2008).

A presente investigação foi financiada pela FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/86666/2012) atribuída ao segundo autor.

A correspondência relativa a este artigo deverá ser enviada para: Teresa Braga, Centro de Investigação em Psicologia, Escola de Psicologia, Universidade do Minho, Campus de Gualtar, 4710-057 Braga, Portugal. E-mail: teresa.g.braga@gmail.com

No que respeita o conceito de baixa autoestima, Fong, Vogel e Vogel (2008), por exemplo, verificaram que os jovens com problemas de comportamentos apresentavam pontuações inferiores numa escala de autoestima comparativamente àqueles que não exibiam problemas desta natureza. Também Sutherland e Shepherd (2002), junto de uma amostra de 13,650 estudantes ingleses, concluíram que a baixa autoestima se afigurou um preditor particularmente robusto da agressividade. Já D’Zurilla, Chang e Sanna (2003) na sua análise da relação entre a baixa autoestima e hostilidade revelaram um efeito significativo, ainda que parcialmente mediado pelo estilo de resolução de problemas dos jovens.

A relação entre a baixa autoestima e a antissocialidade tem sido também encontrada em estudos longitudinais. Parker, Morten, Lingefelt e Johnson (2005) seguiram 132 jovens delinquentes ao longo de um período de 3 anos, tendo concluído que a baixa autoestima, as mudanças superficiais de emoções, o fraco controlo emocional e de impulsos e a elevada ansiedade melhor prediziam as ofensas violentas no período de *follow-up* do que a prática de crimes violentos no passado. Já no que concerne as ofensas não violentas, o melhor preditor constitui os antecedentes criminais de atos dessa natureza. Também Boden, Fergusson e Horwood (2007) constataram que níveis mais baixos de autoestima aos 15 anos de idade se encontravam associados a maior risco de envolvimento em delitos violentos aos 18, 21 e 25 anos de idade. Contudo, quando controlaram o efeito de variáveis familiares e contextuais, comumente associadas à agressividade, a magnitude da relação entre a baixa autoestima e os crimes violentos diminuiu.

Têm sido apresentadas diversas hipóteses explicativas em torno da relação entre a baixa autoestima e os comportamentos antissociais e violentos (Ostrowsky, 2010). Por exemplo, é possível que os indivíduos com baixa autoestima externalizem para terceiros a culpa pelos seus problemas, de modo a minimizarem os seus sentimentos de inadequação, inferioridade e vergonha, o que conduz, por sua vez, à agressão e violência contra os outros. Em alternativa, os indivíduos com baixa autoestima podem adotar comportamentos antissociais para chamar à atenção, porventura face à sua maior probabilidade de serem rejeitados pelos pares (Barnow, Lucht, & Freyberger, 2005), e potenciar o aumento da sua autoestima. Adicionalmente, os indivíduos com baixa autoestima podem recorrer à violência para aumentar os seus sentimentos de poder e independência. Nesta linha, Toch (1993) e Baumeister, Smart e Boden (1996) consideram que a violência pode conduzir ao aumento da autoestima quando o agressor se foca em vítimas mais fracas ou desprotegidas e consequentemente com menores probabilidades de retaliação. Já autores como McCarthy e Hoge (1984) sugeriram que a baixa autoestima enfraquece os laços sociais e a conformidade às normas sociais, o que conduz a um aumento da delinquência.

Ainda que alguns estudos, bem como hipóteses explicativas, têm sustentado a relação entre a baixa autoestima e os comportamentos antissociais, outros não têm encontrado evidências de tal relação. Bushman e Baumeister (1998), com recurso a duas amostras de estudantes norte-americanos, concluíram que a baixa autoestima não contribuía para a agressividade. Do mesmo modo, Walker e Gudjonsson (2006) constaram que a baixa autoestima não se relacionou nem com a violência nem com atos delinquentes de outra natureza. Mais recentemente, Jankauskiene, Kardelis, Sukys e Kardeliene (2008) verificaram que a baixa autoestima se associou com a vitimação por *bullying*, mas não com a sua perpetração.

Walker e Bright (2009) realizaram uma revisão sistemática de estudos sobre a relação entre a autoestima e a violência. Estes autores concluíram que a maioria dos estudos incluídos, especificamente 12 de um total de 19, encontrou evidência de que a baixa autoestima se relaciona com a prática de atos violentos. Contudo, concluíram igualmente que esta relação é menos robusta em amostras forenses comparativamente a amostras comunitárias. Especificamente, menos estudos têm analisado esta relação em populações forenses e os que examinaram utilizaram amostras consideravelmente menores e nem sempre revelaram a existência de uma relação positiva e significativa entre a autoestima e a violência. Tendo em conta que a maioria dos sujeitos que

chegam ao sistema de justiça são aqueles com uma atividade delinvente mais severa (Macleod, Grove, & Farrington, 2012), este último resultado pode colocar em causa o papel da baixa autoestima enquanto fator de risco para a delinquência mais grave.

Uma outra linha de investigação relativa à relação entre a autoestima e os comportamentos antissociais tem-se focado na elevada autoestima, que parece igualmente associar-se à prática de comportamentos agressivos e violentos (e.g., Bushman et al., 2009; Gillespie, 2005). Contudo, alguns estudos têm vindo a evidenciar que apenas a elevada autoestima instável, aquela que é contingente às circunstâncias contextuais (e não a elevada autoestima estável), se relaciona com agressividade (Boden et al., 2007) e os seus antecedentes, raiva e hostilidade (Kernis, Grannemann, & Barclay, 1989).

Taylor, Davis-Kean e Malanchuk (2007) alertam que para compreender a relação entre a autoestima e os comportamentos antissociais, é importante considerar conceitos relacionados, tal como o narcisismo. Contudo, as diferenças e semelhanças entre a autoestima e o narcisismo continuam a ser debatidas. O narcisismo tem sido conceptualizado como uma faceta específica da elevada autoestima, sendo ora uma forma altamente instável ora uma forma extremamente exagerada desta (cf. Donnellan et al., 2005). Outros autores, por sua vez, têm apresentado definições distintas da autoestima e do narcisismo. Por exemplo, Rosenberg (1989) defende que a autoestima se refere ao facto de o indivíduo se considerar ou não adequado, pelo que um sujeito pode ter elevada autoestima sem ser patologicamente narcísico. Mais recentemente, Taylor et al. (2007) descreveram a autoestima como uma avaliação global do valor de si próprio e o narcisismo se refere ao sentido de direito e superioridade. Assim, um indivíduo com elevada autoestima se concetualiza como bom, enquanto um indivíduo narcísico se considera superior. No que respeita as evidências empíricas, estas parecem igualmente sugerir que estes constructos são independentes, tal como passaremos a detalhar.

Locke (2009) encontrou que autoestima e o narcisismo tinham efeitos opostos na agressividade, estando a primeira negativamente e o segundo positivamente associado à agressão. Já Webster (2006) evidenciou as mesmas direções de relações, negativa entre a autoestima e a agressividade e positiva entre o narcisismo e o *outcome* agressivo, mantendo-se significativas mesmo quando controlados os efeitos de cada constructo num único modelo.

Utilizando metodologias transversais e longitudinais com avaliação multimétodo de crianças norte-americanas e neo-zelandesas, Donnellan et al. (2005) exploraram a relação entre a autoestima global e problemas de externalização como agressão, comportamento antissocial e delinquência. Os autores demonstraram que existe uma relação robusta entre a baixa autoestima e os problemas de comportamento. Adicionalmente, concluíram que o efeito da autoestima era independente do narcisismo e estes se correlacionavam de forma fraca. O narcisismo também apresentou um efeito independente nos problemas de comportamento.

Barry, Frick e Killian (2003) analisaram a relação entre autoestima e narcisismo com os problemas de comportamento em crianças, tendo verificado que o narcisismo predizia os problemas de comportamento, tendo a autoestima um efeito moderador. Especificamente, as crianças com níveis elevados de narcisismo e baixos de autoestima eram as que demonstravam mais critérios de problemas de comportamento. Assim, os autores concluíram que a autoestima e o narcisismo são constructos independentes estabelecendo, cada um deles, associações únicas com os problemas de comportamento. Golmaryami e Barry (2010) também salientaram o papel moderador da autoestima na relação entre o narcisismo e um *outcome* antissocial, nomeadamente a agressividade relacional. O narcisismo estava associado à agressividade relacional particularmente entre os jovens com baixa autoestima.

Em contraste, Barry, Grafeman, Adler e Pickard (2007) não encontraram qualquer efeito de interação entre a autoestima e o narcisismo na predição da delinquência, agressividade aberta ou agressividade relacional entre 372 jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos. O narcisismo afigurou-se um preditor robusto e consistente dos vários tipos de antissocialidade,

enquanto a baixa estima contribui de forma bastante modesta e não estatisticamente significativa para alguns dos tipos.

Podemos concluir que os estudos empíricos demonstram existir independência entre os constructos de autoestima e narcisismo e revelam a preponderância do narcisismo para os comportamentos antissociais em geral, tanto mais que este é atualmente conceptualizado como sendo uma das dimensões do constructo da psicopatia (Pechorro, Jiménez, Nunes, & Hidalgo, 2016). Todavia, continua a não existir consenso quanto à relação entre a autoestima e os comportamentos antissociais, particularmente em amostras forenses. Adicionalmente, ainda que as evidências contraditórias possam estar relacionadas com a maior gravidade dos atos cometidos por populações forenses, desconhecemos estudos que têm analisado a relação entre a autoestima e a gravidade da delinquência. Assim, no presente estudo pretende-se contribuir para a compreensão da relação entre a autoestima, o narcisismo e os comportamentos delinquentes definidos por critérios jurídico-penais, considerando precisamente uma amostra de jovens do contexto forense e a gravidade dos crimes cometidos. Especificamente, pretendemos analisar a relação entre os constructos de autoestima e narcisismo e o efeito preditivo independente destes constructos em duas dimensões da delinquência: a gravidade dos crimes e idade de início da atividade criminal. Optámos por incluir a idade de início uma vez que é um dos melhores preditores da gravidade das ofensas (e.g., Loeber & Le Blanc, 1990; Piquero, Farrington, & Blumstein, 2003).

Método

Participantes e procedimentos de recolha

A amostra foi constituída por 261 participantes com idades compreendidas entre os 13 e os 20 anos ($M=15.83$ anos; $SD=1.30$ anos) provenientes de Centros Educativos. A maioria dos participantes era do sexo masculino (83.1%) e de nacionalidade Portuguesa (80.8%). No que respeita a etnia, 50.2% eram brancos e os restantes pertenciam a minorias étnicas. No que diz respeito à proveniência Rural *versus* Urbana, a esmagadora maioria (96.9%) era proveniente de zonas urbanas/semiurbanas.

Após se ter obtido autorização por parte da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), Ministério da Justiça, aplicaram-se os questionários individualmente em todos os Centros Educativos existentes a nível nacional à data de recolha de dados. Previamente à administração dos questionários, foi aplicado um termo de consentimento informado aos jovens em que lhes era dado conhecimento do carácter voluntário e confidencial de participação na investigação. A taxa de participação foi de cerca de 90%, sendo que a não participação incluiu a recusa em participar, a impossibilidade de participar devido a não entendimento da língua portuguesa e devido a questões de segurança. Todos os questionários dos jovens que participaram foram considerados válidos.

Medidas

A *Escala de Auto-Estima de Rosenberg* (*Rosenberg Self-Esteem Scale* – RSES; Rosenberg, 1979, 1989) foi originalmente desenvolvida a partir das pontuações de 5024 participantes de ambos os sexos, incluindo estudantes universitários e pessoas adultas provenientes de meios sociais diferentes e grupos étnicos diversificados. A RSES é cotada somando os itens tipo *Likert* de 4 pontos (Discordo fortemente=0, Discordo=1, Concordo=2, Concordo fortemente=3), após a reversão dos itens 2, 5, 6, 8 e 9. A pontuação total da escala varia entre 0 e 30, sendo que pontuações elevadas na escala indicam elevada autoestima e vice-versa. Na presente investigação

utilizou-se uma validação portuguesa (Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2011) com uma consistência interna medida pelo Alfa de *Cronbach* de .78.

O *Dispositivo de Despiste de Processo Antissocial (Antisocial Process Screening Device – APSD; Frick & Hare, 2001; Muñoz & Frick, 2007)* é uma medida psicométrica multidimensional projetada para avaliar traços psicopáticos em crianças e adolescentes. Originalmente designada *Psychopathy Screening Device (PSD)*, foi modelado a partir da *Psychopathy Checklist (Forth, Kosson, & 2013; Hare, 2003; Pechorro, Barroso, Marôco, Vieira, & Gonçalves, 2015)*, tendo por base grupos clínicas e comunitárias. O APSD é composto por 20 itens tipo *Likert* de 3 pontos (Nunca=0, Algumas vezes=1, Frequentemente=2), sendo que pontuações mais elevadas indicam a elevação da presença dos traços em questão. Na presente investigação utilizou-se a dimensão Narcisismo da validação portuguesa da versão de autorresposta (Pechorro, Hidalgo, Nunes, & Jiménez, 2016; Pechorro, Marôco, Poiares, & Vieira, 2013) com uma consistência interna avaliada pelo Alfa de *Cronbach* de .71.

A *Escala de Delinquência Autorrelatada Adaptada (Adapted Self-Report Delinquency Scale – ASRDS; Carroll, Durkin, Houghton, & Hattie, 1996)* é uma adaptação do instrumento originalmente concebido por Mak (1993), que mede o envolvimento dos adolescentes em atividades ilegais e antissociais. No presente estudo foi utilizada a validação portuguesa (Pechorro, Vieira, Marôco, Barroso, & Gonçalves, 2015), composta por itens ordinais tipo *Likert* de 3 pontos (Nunca=0, Algumas vezes=1, Frequentemente=2). Pontuações mais elevadas indicam maior envolvimento em atividade criminal.

O *Índice de Gravidade de Crimes (Index of Crime Severity – ICS; Wolfgang, Figlio, Tracy, & Singer, 1985)* serviu para classificar a gravidade dos crimes cometidos. No ICS o nível 0 representa delinquência ausente; o nível 1 consistiu em delinquência menor cometida no seu agregado familiar (e.g., roubar pequenas quantidades de dinheiro em casa); o nível 2 consistiu em delinquência menor fora de casa, incluindo roubar algo de valor inferior a 5 euros, vandalismo e pequena fraude (e.g., não pagar o bilhete de autocarro); o nível 3 consistiu em delinquência moderada a grave como roubar algo de valor superior a 5 euros, envolvimento em gangues, porte de armas e apropriação de carro para divertimento (*joyriding*); o nível 4 consistiu em delinquência grave, tal como roubo de carro e arrombamento e invasão de domicílio; o nível 5 consistiu em ter praticado pelo menos dois dos comportamentos descritos no nível anterior ou ter praticado crimes violentos contra pessoas (e.g., violação, tentativa de homicídio).

Foi também administrado um questionário sociodemográfico para descrever as características sociodemográficas dos participantes. Este questionário incluiu questões como a idade, nacionalidade, grupo étnico, sexo, proveniência rural *versus* urbana, anos de escolaridade completados, nível socioeconómico e estado civil dos pais e idade de início na atividade criminal.

Procedimentos de análise

Os dados relativos aos questionários foram inseridos e tratados em SPSS v21 (IBM SPSS, 2012). Relativamente aos procedimentos estatísticos, analisou-se desde logo as associações entre as variáveis do presente estudo, nomeadamente as variáveis sociodemográficas idade, sexo, etnia (branco *versus* outra), nacionalidade (portuguesa *versus* outra), proveniência rural *versus* urbana e as variáveis narcisismo, autoestima, idade de início de atividade criminal e gravidade de crimes cometidos. Utilizaram-se testes de qui-quadrado para analisar as associações entre as variáveis nominais e entre estas e variáveis ordinais, testes de correlação de Spearman para associações com variáveis ordinais, testes de correlação de Pearson para variáveis intervalares e correlações ponto-bisseriais para analisar as associações entre variáveis dicotómicas e intervalares.

Foi efetuada uma análise de regressão linear múltipla para analisar as variáveis autoestima e narcisismo na predição da idade de início da atividade criminal. Utilizaram-se a Tolerância e o VIF para comprovar a inexistência de multicolinearidade, tendo sido encontrados valores a exceder .40 e inferiores a 3.0, respetivamente. As observações caracterizaram-se pela independência, com valores de Durbin-Watson de aproximadamente 2, e concluiu-se pela ausência de *outliers*.

Foi também efetuada uma análise de regressão ordinal com função *Link Log-log* negativa para testar o efeito preditivo das variáveis autoestima e narcisismo na gravidade dos crimes cometidos. O pressuposto do modelo da homogeneidade dos declives foi testado através do teste de linhas paralelas, encontrando-se validado [$\chi^2_{LP}(8)=4.16; p=.84$].

Os resultados foram considerados significativos se $p \leq .05$ e marginalmente significativos se $p \leq .10$.

Resultados

A Tabela 1 apresenta as correlações entre as características sociodemográficas dos participantes, as pontuações de autoestima e narcisismo, a gravidade dos crimes cometidos e a idade de início de envolvimento em atividades criminais. No que respeita as associações entre as variáveis sociodemográficas, verificámos uma associação significativa entre o sexo e a nacionalidade [$\chi^2(1)=5.48, p=.019$], sendo que proporções significativamente superiores de rapazes eram de outra nacionalidade (72%) comparativamente a raparigas (28%). A nacionalidade estabeleceu igualmente uma associação significativa com a etnia [$\chi^2(1)=44.04, p \leq .001$]. As variáveis idade de início da atividade criminal e a gravidade dos crimes cometidos associaram-se significativamente ao sexo [$r=-.21, p \leq .001$ e $\chi^2(5)=15.20, p=.010$, respetivamente], nomeadamente ser do sexo masculino. Estas mesmas variáveis estabeleceram uma associação negativa e significativa entre si ($r_{sp}=-.52, p \leq .001$). A gravidade dos crimes estabeleceu ainda uma relação significativa positiva com a idade dos participantes ($r_{sp}=.15, p=.016$). Quanto à variável narcisismo, esta associou-se de forma significativa e positiva com a nacionalidade ($r_{pb}=.13, p=.036$) e a gravidade de crimes ($r_{sp}=.36, p \leq .001$). A autoestima, por sua vez, associou-se significativamente à idade, etnia e à nacionalidade ($r=.14, p=.022$; $r_{pb}=.24, p \leq .001$; $r_{pb}=.29, p \leq .001$, respetivamente), sendo que os jovens mais velhos, de etnias minoritárias e de outras nacionalidades tinham níveis superiores de autoestima. Interessa assinalar que a correlação entre as variáveis autoestima e narcisismo foi de $r=-.04, p=.560$.

Tabela 1

Testes de associação entre as variáveis do estudo

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Idade								
2. Sexo	.03							
3. Etnia	.04	1.09						
4. Nacional.	-.06	5.48*	44.04***					
5. Rural vs Urbano	.03	1.11	4.60†	1.18				
6. Idade início	.10	-.21**	-.14†	.01	-.05			
7. Gravidade	.15*	15.20*	7.32	6.40	3.42	-.52***		
8. Narcisismo	.03	-.04	.06	.13*	.07	-.11	.36***	
9. Autoestima	.14*	-.01	.24***	.29***	.09	.03	.06	-.04

Note. † $p < .10$; * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Observando os resultados relativos ao efeito preditivo das variáveis autoestima e narcisismo na idade de início da atividade criminal (ver Tabela 2), foi possível constatar que a combinação das variáveis não predizia significativamente a idade de início na atividade criminal [$F(2,258)=1.73$; $p=.180$]. O valor do R^2 foi de .01, o que indica que .01% da variância da idade de início foi explicada pelo modelo, sendo que tal corresponde a uma dimensão de efeito baixa (Marôco, 2011). O peso dos coeficientes estandardizados (β) foi mais elevado na variável narcisismo [$\beta=-.11$; $t(258)=-1.81$; $p=.072$], sendo marginalmente significativo, e menor e não significativo na variável autoestima [$\beta=.02$; $t(258)=0.37$; $p=.716$].

Tabela 2

Análise de regressão múltipla para Autoestima e Narcisismo na predição da idade de início da atividade criminal

	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	Valor <i>p</i>
Autoestima	.01	.03	.02	0.37	.716
Narcisismo	-.09	.05	-.11	1.81	.072
Constante	11.75	.60		19.58	≤.001

Nota. $R^2=.01$; $F(2,258)=1.73$; $p=.18$.

Na Tabela 3 são apresentados os resultados da regressão ordinal para a gravidade dos crimes cometidos. O modelo das variáveis autoestima e narcisismo foi estatisticamente significativo [$G^2(2)=42.14$; $p\leq.001$], ainda que a dimensão do efeito se tenha revelado reduzida ($R^2_{MF}=.05$; $R^2_N=.15$; $R^2_{CS}=.15$). O narcisismo estabeleceu uma relação positiva e estatisticamente significativa com a gravidade dos crimes cometidos [$b=0.17$; $\chi^2_{Wald}(1)=43.72$; $p\leq.001$]. Já a autoestima não contribuiu de forma estatisticamente significativa para predizer a gravidade dos crimes cometidos [$b=0.01$; $\chi^2_{Wald}(1)=0.89$; $p=.346$].

Tabela 3

Análise de regressão ordinal para Autoestima e Narcisismo na predição da gravidade de crimes cometidos

	Estimativa	<i>EP</i>	Wald	<i>gl</i>	Valor <i>p</i>
ICS=0	-0.32	.32	1.02	1	.313
ICS=1	0.70	.33	4.58	1	.032
ICS=2	1.45	.34	18.80	1	.001
ICS=3	2.30	.35	43.08	1	.001
ICS=4	3.42	.39	75.96	1	.001
Autoestima	0.01	.01	0.89	1	.346
Narcisismo	0.17	.03	43.72	1	.001

Nota. ICS=índice de gravidade de crimes; *EP*=erro-padrão; *gl*=graus de liberdade.

Discussão

O presente estudo teve como principal objetivo analisar o efeito preditivo independente dos constructos de autoestima e narcisismo na gravidade dos crimes e idade de início da atividade

criminal junto de uma amostra forense, de modo a contribuir para a compreensão destas relações particularmente junto de uma população em que as evidências carecem robustez. No modelo de regressão linear múltipla, efetuada a combinação das variáveis narcisismo e autoestima, não foi encontrado um efeito preditivo significativo da idade de início na atividade criminal. Observando, no entanto, a contribuição individual de cada variável, verificámos que o narcisismo foi a única que contribuiu, de forma marginalmente significativa, para prever a idade de início da atividade criminal. Especificamente, os jovens com níveis superiores de traços narcísicos iniciavam a sua carreira criminal mais precocemente do que aqueles com níveis inferiores. O modelo de regressão ordinal permitiu constatar que a combinação das variáveis narcisismo e autoestima foi capaz de prever significativamente a gravidade dos crimes cometidos pelos jovens. O narcisismo estabeleceu uma relação positiva e foi a única variável que manteve um efeito significativo na predição da gravidade dos crimes.

De um modo geral, os nossos resultados demonstram que a autoestima não prediz nem a gravidade dos crimes nem o início da atividade criminal. A ausência de uma relação significativa entre a autoestima e dimensões de delinquência vai ao encontro do revelado por Walker e Bright (2009) na sua revisão sistemática da literatura, que demonstrou que a relação entre a autoestima e uma forma particular de delinquência, a violência, nem sempre se assume positiva e estatisticamente significativa junto de amostras forenses. No mesmo sentido, Barry et al. (2007) concluíram que a baixa autoestima não é um preditor robusto de comportamentos antissociais, não se associa de forma consistente a diferentes comportamentos desta natureza. Embora estes autores não tenham recorrido a uma amostra do contexto forense, os jovens que participaram no seu estudo foram sinalizados por abandono escolar, pelo que foram considerados jovens em risco. Os nossos resultados, a par dos revelados por estudos anteriores, sugerem assim que se deve repensar o papel da autoestima como fator de risco para a delinquência, particularmente aquela mais grave que não raras vezes caracteriza o reportório de jovens em risco e/ou com contacto com o sistema de justiça juvenil, e conseqüentemente a sua inclusão em programas de intervenção em delinquência juvenil.

Por outro lado, os resultados do presente estudo evidenciam a preponderância do narcisismo enquanto fator de risco para duas dimensões de delinquência. Estes dados corroboram aqueles encontrados pela literatura. Por exemplo, quer Locke (2009) quer Webster (2006) evidenciaram uma relação positiva e significativa entre o narcisismo e a agressividade. Já Barry et al. (2003) concluíram que o narcisismo predizia problemas de comportamento em crianças. De resto, outros estudos têm salientado a relação entre traços psicopáticos, nos quais se inclui a dimensão de narcisismo, quer com a idade de início na atividade criminal (e.g., Brandt, Kennedy, Patrick, & Curtin, 1997; Vincent, Vitacco, Grisso, & Corrado, 2003) quer com a gravidade dos crimes (e.g., Loeber et al., 2001; Pechorro, Marôco, Gonçalves, Nunes, & Jesus, 2014). Alguns autores têm argumentando que a ameaça e a conseqüente defesa da visão inflacionada de si mesmo poderão estar subjacentes à relação entre o narcisismo e o envolvimento em comportamentos antissociais (Bushman & Baumeister, 1998; cf. Ostrowsky, 2010), salientando assim a faceta de grandiosidade do constructo de narcisismo. Estudos mais recentes revelaram que o constructo de narcisismo não é unidimensional, mas é constituído por três facetas: liderança/autoridade, exploração/titularidade e grandiosidade/exibicionismo (Ackerman et al., 2011). A primeira é considerada a faceta mais adaptativa do narcisismo, estando associada a positivamente à elevada autoestima (e.g., Trzesniewski, Donnellan, & Robins, 2008), enquanto as restantes têm-se mostrado associadas a características não adaptativas, tal como o comportamento antissocial e delinvente (Ackerman et al., 2011; Gentile et al., 2013). Neste âmbito, têm sido encontradas maiores evidências em torno da faceta exploração/titularidade do constructo de narcisismo enquanto mecanismo subjacente à perpetração de crimes (e.g., Ackerman et al., 2011; Gentile et al., 2013; Hepper, Hart, Meek, Cisek, & Sedikides, 2014). Assim, os jovens com maiores níveis de narcisismo poderão ter mais

probabilidade de perpetrar crimes por se sentirem superiores a terceiros e estarem mais dispostos a explorar os outros.

A disparidade encontrada entre a contribuição do narcisismo e da autoestima na predição das duas dimensões da atividade criminal analisadas sugere que estes podem efetivamente ser constructos distintos. No mesmo sentido, o facto de termos concluído pela ausência de uma relação estatisticamente significativa entre o narcisismo e a autoestima reforça essa conclusão. A concetualização distinta da autoestima e narcisismo tem sido, de resto, defendida e evidenciada em outros estudos (e.g., Donnellan et al., 2005; Locke, 2009).

Em termos de limitações no nosso estudo, referimos o recurso a uma avaliação retrospectiva da idade de início. A investigação tem realçado o viés de memória na recordação de acontecimentos passados (e.g., Henry, Moffitt, Caspi, Langley, & Silva, 1994), viés igualmente evidente na recordação da idade de início de atividades criminais (e.g., Jolliffe et al., 2003; Kazemian & Farrington, 2005). Esta limitação pode ter influenciado os resultados da regressão linear múltipla, não se tendo revelado um efeito global estatisticamente significativo. Adicionalmente, teria sido conveniente utilizar uma medida específica de narcisismo em vez da dimensão de uma escala maior. Todavia, na medida do nosso conhecimento, à data da presente investigação não existia qualquer medida de narcisismo validada para adolescentes portugueses. Por outro lado, tem sido argumentado que a autoestima inclui diferentes tipos, a autoestima segura e a autoestima defensiva por exemplo, e a compreensão da sua relação com os comportamentos antissociais deve contemplar estas facetas (e.g., Sandstrom & Jordan, 2008). Ainda assim, para atender a estes subtipos seria necessária uma medida específica e validada para a população portuguesa, igualmente inexistente, do que temos conhecimento, à data da realização da presente investigação.

Apesar das limitações supra descritas, consideramos que o presente estudo vem contribuir para a conceptualização independente dos constructos de autoestima e narcisismo, bem como para a importância do narcisismo enquanto fator de risco para o envolvimento na delinquência juvenil. Este constructo deve ser tido em conta em programas de intervenção na delinquência juvenil no sistema de justiça juvenil. A autoestima, por seu turno, não estabeleceu uma relação significativa quer com a idade de início na atividade criminal quer com a gravidade dos crimes cometidos. Estudos futuros devem continuar a explorar o papel da autoestima na predição da delinquência, utilizando escalas que avaliem vários tipos de autoestima, tanto mais quanto se sabe que muitos programas de prevenção e intervenção em delinquência juvenil baseiam-se na premissa de que a baixa autoestima é um fator de risco para os comportamentos antissociais e consideram fundamental para o seu sucesso o reforço da autoestima nos jovens (Eastman, 2004; Wooldredge, Harman, Latessa, & Holmes, 1994).

Referências

- Ackerman, R., Witt, E., Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., & Kashy, D. (2011). What does the narcissistic personality inventory really measure?. *Assessment, 18*, 67-87. doi: 10.1177/1073191110382845
- Barnow, S., Lucht, M., & Freyberger, H. J. (2005). Correlates of aggressive and delinquent conduct problems in adolescence. *Aggressive Behavior, 31*, 24-39. doi: 10.1002/ab.20033
- Barry, C., Frick, P., & Killian, A. (2003). The relation of narcissism and self-esteem to conduct problems in children: A preliminary investigation. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 32*, 139-152. doi: 10.1207/S15374424JCCP3201_13

- Barry, C., Grafeman, S., Adler, K., & Pickard, J. (2007). The relations among narcissism, self-esteem, and delinquency in a sample of at-risk adolescents. *Journal of Adolescence*, *30*, 933-942. doi: 10.1016/j.adolescence.2006.12.003
- Baumeister, R., Smart, L., & Boden, J. (1996). Relation of threatened egotism to violence and aggression: The dark side of high self-esteem. *Psychological Review*, *103*, 5-33. doi: 10.1037/0033-295X.103.1.5
- Boden, J., Fergusson, D., & Horwood, L. (2007). Self-esteem and violence: Testing links between adolescent self-esteem and later hostility and violent behavior. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, *42*, 881-891. doi: 10.1007/s00127-007-0251-7
- Brandt, J., Kennedy, W., Patrick, C., & Curtin, J. (1997). Assessment of psychopathy in a population of incarcerated adolescent offenders. *Psychological Assessment*, *9*, 429-435. doi: 10.1037/1040-3590.9.4.429
- Bushman, B., & Baumeister, R. (1998). Threatened egotism, narcissism, self-esteem, and direct and displaced aggression: Does self-love or self-hate lead to violence?. *Journal of Personality and Social Psychology*, *75*, 219-229. doi: 10.1037/0022-3514.75.1.219
- Bushman, B. J., Baumeister, R. F., Thomaes, S., Ryu, E., Begeer, S., & West, S. (2009). Looking again, and harder, for a link between low self-esteem and aggression. *Journal of Personality*, *77*, 424-446. doi: 10.1111/j.1467-6494.2008.00553.x
- Caldwell, R., Beutler, L., Ross, S., & Silver, N. (2006). Brief report: An examination of the relationships between parental monitoring, self-esteem and delinquency among Mexican American male adolescents. *Journal of Adolescence*, *29*, 459-464. doi: 10.1016/j.adolescence.2005.07.005
- Carroll, A., Durkin, K., Houghton, S., & Hattie, J. (1996). An adaptation of Mak's self-report delinquency scale for western Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology*, *48*, 1-7. doi: 10.1080/00049539608259498
- D'Zurilla, T. J., Chang, E. C., & Sanna, L. J. (2003). Self-esteem and social problem solving as predictors of aggression in college students. *Journal of Social and Clinical Psychology*, *22*, 424-440. doi: 10.1521/jsep.22.4.424.22897
- Donnellan, M., Trzesniewski, K., Robins, R., Moffitt, T., & Caspi, A. (2005). Low self-esteem is related to aggression, antisocial behavior, and delinquency. *Psychological Science*, *16*, 328-335. doi: 10.1111/j.0956-7976.2005.01535.x
- Eastman, B. (2004). Assessing the efficacy of treatment for adolescent sex offenders: A cross-over longitudinal study. *The Prison Journal*, *84*, 472-485. doi: 10.1177/0032885504269346
- Fong, R. S., Vogel, B. L., & Vogel, R. E. (2008). The correlates of school violence: An examination of factors linked to assaultive behavior in a rural middle school with a large migrant population. *Journal of School Violence*, *7*, 24-47. doi: 10.1080/15388220801955521
- Forth, A. E., Kosson, D. S., & Hare, R. D. (2003). *Hare psychopathy checklist: Youth version*. Toronto: Multi-Health Systems.
- Frick, P., & Hare, R. (2001). *The antisocial process screening device*. Toronto, Canada: Multi-Health System.
- Gentile, B., Miller, J., Hoffman, B., Reidy, D., Zeichner, A., & Campbell, W. (2013). A test of two brief measures of grandiose narcissism: The narcissistic personality inventory-13 and the narcissistic personality inventory-16. *Psychological Assessment*, *25*, 1120-1136. doi: 10.1037/a0033192
- Gillespie, W. (2005). Racial differences in violence and self-esteem among prison inmates. *American Journal of Criminal Justice*, *29*, 161-185. doi: 10.1007/BF02885734
- Golmaryami, F. N., & Barry, C. T. (2010). The associations of self-reported and peer-reported relational aggression with narcissism and self-esteem among adolescents in a residential setting. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, *39*, 128-133. doi: 10.1080/15374410903401203

- Hare, R. (2003). *Hare psychopathy checklist-revised: Technical manual* (2nd ed.). Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Henry, B., Moffitt, T. E., Caspi, A., Langley, J., & Silva, P. A. (1994). On the “remembrance of things past”: A longitudinal evaluation of the retrospective method. *Psychological Assessment, 6*, 92-101. doi: 10.1037/1040-3590.6.2.92
- Hepper, E. G., Hart, C. M., Meek, R., Cisek, S., & Sedikides, C. (2014). Narcissism and empathy in young offenders and non-offenders. *European Journal of Personality, 28*, 201-210. doi: 10.1002/per.1939
- IBM SPSS. (2012). *IBM SPSS Statistics Base 21*. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Jankauskiene, R., Kardelis, K., Sukys, S., & Kardeliene, L. (2008). Associations between school bullying and psychosocial factors. *Social Behavior and Personality, 36*, 145-162. doi: 10.2224/sbp.2008.36.2.145
- Jolliffe, D., Farrington, D. P., Hawkins, J. D., Catalano, R. F., Hill, K. G., & Kosterman, R. (2003). Predictive, concurrent, prospective and retrospective validity of self-reported delinquency. *Criminal Behaviour and Mental Health, 13*, 179-197. doi: 10.1002/cbm.541
- Kazemian, L., & Farrington, D. P. (2005). Comparing the validity of prospective, retrospective, and official onset for different offending categories. *Journal of Quantitative Criminology, 21*, 127-147. doi: 10.1007/s10940-005-2489-0
- Kernis, M., Grannemann, B., & Barclay, L. (1989). Stability and level of self-esteem as predictors of anger arousal and hostility. *Journal of Personality and Social Psychology, 56*, 1013-1022.
- Locke, K. D. (2009). Aggression, narcissism, self-esteem, and the attribution of desirable and humanizing traits to self versus others. *Journal of Research in Personality, 43*, 99-102. doi: 10.1037/0022-3514.43.1.99
- Loeber, R., & LeBlanc, M. (1990). Toward a developmental criminology. In M. Tonry & N. Morris (Eds.), *Crime and justice* (Vol. 12, pp. 375-474). Chicago: University of Chicago Press.
- Loeber, R., Farrington, D. P., Stouthamer-Loeber, M., Moffitt, T. E., Caspi, A., & Lynam, D. (2001). Male mental health problems, psychopathy, and personality traits: Key findings from the first 14 years of the Pittsburgh Youth Study. *Clinical Child and Family Psychology Review, 4*, 273-297. doi: 10.1023/A:1013574903810
- Macleod, J. F., Grove, P. G., & Farrington, D. P. (2012). *Explaining criminal careers. Implications for justice policy*. Oxford: Oxford University Press.
- Mak, A. S. (1993). A self-report delinquency scale for Australian adolescents. *Australian Journal of Psychology, 45*, 75-79. doi: 10.1080/00049539308259122
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro: Report Number.
- Mason, W. (2001). Self-esteem and delinquency revisited (again): A test of Kaplan’s self-derogation theory of delinquent using latent growth curve modeling. *Journal of Youth and Adolescence, 30*, 83-102. doi: 10.1023/A:1005276905961
- McCarthy, J., & Hoge, D. (1984). The dynamics of self-esteem and delinquency. *American Journal of Sociology, 90*, 396-410. doi: 10.1037/0022-3514.89.3.396
- Muñoz, L., & Frick, P. (2007). The reliability, stability, and predictive utility of the self-report version of the Antisocial Process Screening Device. *Scandinavian Journal of Psychology, 48*, 299-312. doi: 10.1111/j.1467-9450.2007.00560.x
- Negreiros, J. (2008). *Delinquências juvenis. Trajetórias, intervenções e prevenção*. Porto: Livpsic Legis Editora.
- Ostrowsky, M. K. (2010). Are violent people more likely to have low self-esteem or high self-esteem?. *Aggression and Violent Behavior, 15*, 69-75. doi: 10.1016/j.avb.2009.08.004
- Parker, J. S., Morton, T. L., Lingefelt, M. E., & Johnson, K. S. (2005). Predictors of serious and violent offending by adjudicated male adolescents. *North American Journal of Psychology, 7*, 407-417.

- Pechorro, P., Barroso, R., Marôco, J., Vieira, R., & Gonçalves, R. (2015). Psychometric properties of the Psychopathy Checklist: Youth version among Portuguese juvenile delinquents. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *59*, 1322-1337. doi: 10.1177/0306624X14535558
- Pechorro, P., Hidalgo, V., Nunes, C., & Jiménez, L. (2016). Confirmatory factor analysis of the Antisocial Process Screening Device: Self-Report among incarcerated male juvenile offenders. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *60*, 1856-1872. doi: 10.1177/0306624X15588903
- Pechorro, P., Jiménez, L., Nunes, C., & Hidalgo, V. (2016). El constructo de psicopatía y su aplicación en niños y adolescentes. In C. Poiaras, J. Urra, J. A. Echauri, & A. Martinez (Coords.), *La psicología jurídica en iberoamérica: Nuevos aportes de la psicología jurídica 2* (pp. 55-66). Madrid, Spain: Colección Psicología Jurídica EOS.
- Pechorro, P., Marôco, J., Gonçalves, R. A., & Nunes, C., & Jesus, S. N. (2014). Psychopathic traits and age of crime onset in male juvenile delinquents. *European Journal of Criminology*, *11*, 288-302. doi: 10.1177/1477370813495759
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiaras, C., & Vieira, R. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, *25*, 174-179.
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiaras, C., & Vieira, R. (2013). Validation of the Portuguese version of the Antisocial Process Screening Device-Self-Report with a focus on delinquent behavior and behavior problems. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, *57*, 112-126. doi: 10.1177/0306624X11427174
- Pechorro, P., Vieira, R., Marôco, J., Barroso, R., & Gonçalves, R. A. (2015). Adaptação de uma versão portuguesa da Escala de Delinquência Auto-Relatada adaptada para adolescentes. *Revista Psicologia*, *29*, 59-67. doi: 10.17575/rpsicol.v29i1.549
- Piquero, A. R., Farrington, D. P., & Blumstein, A. (2003). The criminal career paradigm. In M. Tonry (Ed.), *Crime and Justice* (Vol. 20, pp. 359-506). Chicago: University of Chicago Press.
- Rosenberg, M. (1979). *Conceiving the self*. New York: Basic Books.
- Rosenberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image* (revised edition). Middletown: Wesleyan University Press.
- Sandstrom, M. J., & Jordan, R. (2008). Defensive self-esteem and aggression in childhood. *Journal of Research in Personality*, *42*, 506-514. doi: 10.1016/j.jrp.2007.07.008
- Sutherland, I., & Shepherd, J. P. (2002). A personality-based model of adolescent violence. *British Journal of Criminology, Delinquency and Deviant Social*, *42*, 433-441. doi: 10.1093/bjc/42.2.433
- Taylor, L. D., Davis-Kean, P., & Malanchuk, O. (2007). Self-esteem, academic self-concept, and aggression at school. *Aggressive Behavior*, *33*, 130-136. doi: 10.1002/ab.20174
- Toch, H. (1993). Good violence and bad violence: Through self-presentations of aggressors accounts and war stories. In R. Felson & J. Tedeschi (Eds.), *Aggression and violence: Social interactionist perspectives* (pp. 193-206). Washington, DC: American Psychological Association.
- Trzesniewski, K. H., Donnellan, M. B., & Robins, R. W. (2008). Is "generation me" really more narcissistic than previous generations?. *Journal of Personality*, *76*, 903-918. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6494.2008.00508.x>
- Vincent, G., Vitacco, M., Grisso, T., & Corrado, R. (2003). Subtypes of adolescent offenders: Affective traits and antisocial behavior patterns. *Behavioral Sciences and the Law*, *21*, 695-712. doi: 10.1002/bsl.556
- Walker, J. S., & Bright, J. A. (2009). False inflated self-esteem and violence: A systematic review and cognitive model. *The Journal of Forensic Psychiatry & Psychology*, *20*, 1-32. doi: 10.1080/14789940701656808

- Walker, J. S., & Gudjonsson, G. H. (2006). The Maudsley Violence Questionnaire: Relationship to personality and self-reported offending. *Personality and Individual Differences, 40*, 795-806. doi: 10.1016/j.paid.2005.09.009
- Webster, G. D. (2006). Low self-esteem is related to aggression, but especially when controlling for gender: A replication and extension of Donnellan et al. (2005). *Representative Research in Social Psychology, 29*, 12-18.
- Wolfgang, M. E., Figlio, R., Tracy, P., & Singer, S. I. (1985). *The national survey of crime severity*. Washington: U. S. Government Printing Office.
- Wooldredge, J., Harman, J., Latessa, E., & Holmes, S. (1994). Effectiveness of culturally specific community treatment for African American juvenile felons. *Crime and Delinquency, 40*, 589-598. doi: 10.1177/0011128794040004007

Self-esteem, narcissism, and dimensions of juvenile delinquency: Clarifying the relation

The present study aimed to analyze the predictive capacity of self-esteem and narcissism of two dimensions of juvenile delinquency: crime seriousness and age of criminal onset. With a total sample of 261 youths from the juvenile justice system, an ordinal regression model was estimated with crime seriousness as the dependent variable, and a linear regression model was estimated with age of crime onset as the dependent variable. The results showed that narcissism predicts crimes seriousness and has a marginally significant effect on age of crime onset, revealing its importance as a risk factor for both dimensions of delinquency and supporting its inclusion in intervention programs for delinquency. On the other hand, the results revealed that self-esteem did not predict neither crime seriousness nor age of criminal onset. Future studies should continue to explore the role of self-esteem in predicting delinquency in order to better clarify this relationship.

Key words: Narcissism, Self-esteem, Juvenile delinquency.

Submissão: 30/12/2016

Aceitação: 18/04/2017

